

Dúvida: estamos em recessão?

SINAIS CONTRADITÓRIOS DOS DIFERENTES SETORES CONFUNDEM EMPRESÁRIOS E ECONOMISTAS SOBRE A DURAÇÃO DA CRISE

GIOVANNA PICILLO

Depois do acentuado crescimento do primeiro trimestre, a economia vive um período de instabilidade por causa da brusca reversão no ritmo de negócios. Os sinais contraditórios emitidos pelos diferentes setores da economia confundem empresários e economistas, que não sabem qual a intensidade que o desaquecimento pode atingir, embora isso dependa principalmente de como o governo vai agir em relação aos juros e ao aperto do crédito. As opiniões se dividem entre os que temem um aprofundamento da recessão, os que acreditam que este é apenas um período de ajuste de estoques e os que apostam que o governo diminuirá o aperto.

“Trata-se de um ciclo de ajuste de estoques, e não de uma recessão propriamente dita”, diz o economista Gilson Schwartz, diretor do departamento de economia do Banco de Boston. “O desaquecimento vai se acentuar, inclusive por causa do efeito das crise no campo”, contrapõe o economista José Augusto Arantes Savasini, da Rosenberg & Associados. Para o economista Paulo Nogueira Baptista Jr., da Fundação Getúlio Vargas (FGV), a economia vive “uma verdadeira montanha russa”, onde o cenário é o de continuar a desaceleração.

O desaquecimento, por enquanto, não impactou todos os setores da mesma forma. As vendas de importados, que contam com financiamentos externos, estão sustentando em parte o movimento do comércio. O mesmo não ocorre com lojas de menor porte que vendem roupas e calçados, e não têm crédito, lembra o presidente da Federação do Comércio do Estado de São Paulo Abram Szajman. Já no setor industrial, a crise é maior. Por causa dos altos estoques do comércio, as vendas caíram em quase todas as áreas. Segundo o presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Mário Amato, a exceção são setores que exportam, como papel e papelão.

Na agricultura, a renegociação dos débitos e a liberação de recursos para o plantio deverão aliviar a crise, mas outros fatores preocupam: o endividamento ainda alto e a falta de chuvas (leia sobre inadimplência na página 15).